

## **IMPACTO DA EDUCAÇÃO COLONIZADA SOBRE O BEM ESTAR DE ÍNDIOS, NEGROS E MESTIÇOS NA AMAZÔNIA (AMAZONAS- BRASIL)**

Suely A. do N. Mascarenhas

**RESUMO:** Neste artigo analisamos indicadores associados ao impacto histórico da colonização da educação formal sobre identidade, soberania e bem estar na Amazônia brasileira. A pesquisa recorreu a amostra de 1716 habitantes do estado do Amazonas que anônima e voluntariamente responderam a instrumento próprio sobre informações socioeconômica, culturais e bem estar psicossocial. Os resultados demonstram baixo investimento histórico na infraestrutura educacional o que impacta no cenário de opressão social, evidenciando elevada necessidade de orientação para a soberania, cidadania, autonomia e realização pessoal, de modo a influenciar a melhoria dos indicadores de bem estar psicossocial e realização pessoal de negros, indígenas e mestiços na Amazônia. Concluímos que há uma história subterrânea que necessita ser lembrada, incluída e valorizada no currículo escolar e nos processos de educação informal nos âmbitos familiar e comunitário na Amazônia brasileira, promovendo o exercício consciente da soberania e cidadania para todos os habitantes do país.

**Palavras chave:** Descolonização da educação, soberania, Identidade, autonomia, realização e bem estar, índios, negros e mestiços. Amazônia brasileira.

## **IMPACT OF COLONIZED EDUCATION OVER THE WELFARE OF NATIVES, BLACK PEOPLE AND MIXED RACE IN AMAZON (BRAZIL – AMAZON)**

**ABSTRACT:** This article analyses indicators associated to historical impact of colonization of formal education about identity, sovereignty and welfare in Brazilian Amazon. The research resorted to the sample of 1716 citizens from Amazon State that anonymously and voluntarily answered the own instrument about socioeconomics information, cultural and psychosocial welfare. The results showed a lack of historical investment in educational infrastructure what impacts in the social oppression scenario, evidencing a high need of orientation to sovereignty, citizenship, autonomy and self-realization, in order to influence the improvement of indicators of psychosocial welfare and self-realization of black people, natives and mixed race in Amazon. It has concluded that there is underground history that needs to be remembered, included and valued in the school curriculum and in the process of informal education in tribal and familiar environments in Brazilian Amazon, promoting the conscious exercise of sovereignty and citizenship to all of the Brazilian population.

**Keywords:** Decolonization of education, sovereignty, Identity, Autonomy, realization and welfare, natives, black people and mixed race, Brazilian Amazon.

Este artigo objetiva apresentar e discutir o impacto do histórico processo de colonização sobre o bem estar psicossocial dos povos colonizados e apresentar e discutir

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

dados de uma pesquisa onde os participantes auto identificados como indígenas, mestiços e negros apresentam os indicadores menos favoráveis de bem estar psicossocial: auto aceitação, relações positivas com outros, projeto de vida/crescimento, felicidade total, otimismo, esperança, resiliência e satisfação com a vida. Nossa hipótese é que tais conhecimentos cientificamente aportados podem estar associados ao histórico processo de educação colonizadora ao qual foi submetida essa parcela importante e originária de habitantes deste território, atualmente conhecido como Amazônico.

Para as análises recorremos a autores que discutem a temática com ênfase na necessidade de tomada de consciência sobre a imersão do sistema educacional no sistema de colonização de modo a promover de forma intencional, sistemática e organizada o choque de realidade: somos colonizados. Para nos realizarmos individual e coletivamente precisamos nos libertar e restaurar a sabedoria e memória ancestral que trazemos em nosso DNA: somos humanos. (ABADIA, 2017; ASCENSO, 2013; CASTRO-GÓMEZ, 2005; FREIRE, 1977;1984; 2004; GADOTTI, 2012; GALEANO, 2013; PAIVA, 1979; ROMÃO, 2012 & ONU, 1948)

Lamentavelmente, constatamos pela realidade atual que processo histórico de colonização desenvolvido nos últimos 530 anos no Planeta Terra por europeus, trouxe consequências negativas para o bem estar, a identidade e a memória histórico e cultural da humanidade como um todo.

O colonialismo buscou desumanizar os povos a quem o imperialismo quer saquear as riquezas, tornando-os bestas-feras para melhor justificar a violência e o genocídio. Para além da exploração econômica do domínio territorial, político e social da vida das populações, marcas mais evidentes do sistema colonizador, a dominação colonial distinguiu-se, sobretudo, pela negação da condição humana da população colonizada, negação da sua cultura, da sua filosofia, do seu modo de ser. (ABADIA, 2017, p. 1).

Realidade vergonhosa para os agentes colonizadores envolvidos. Cometeram ações de lesa humanidade. Com que propósito? Teriam imaginado que seria possível apagar a cultura presente no DNA dos povos originários do Planeta Terra?

Missão impossível. Ledo engano. Enquanto humanidade enfrentemos os fatos e, perdendo a incúria dos “bárbaros europeus” pelas barbaridades e genocídios praticados

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

que banharam de sangue os territórios invadidos, encontremos formas de nos harmonizarmos como família humana e desenvolvermos o bem estar e a consciência planetária que nos caracterizam como espécie (ONU, 1948).

A cultura não se resgata. A cultura é que nos resgata. Estar em um processo de descolonização é um acidente. Não é previsto pelo sistema implantado, pela escola e pelo sistema de educação informal. A educação é também transmissão de valores. Instrução é somente transmissão de conhecimentos.

Toda pessoa tem direito à sua história pessoal, familiar e de nação. Uma história que a dignifique e a torne confiante em poder realizar-se como ser humano no presente e no futuro por ter tido um passado soberano, livre, com realizações positivas para o conjunto da humanidade. Se desde criança na escola aprende que seu povo é inferior, inculto, primitivo e outros adjetivos pejorativos como pode desenvolver auto estima positiva e ser feliz e realizada?

Como violento processo de colonização empreendido por países europeus no final da “idade média” europeia sufocou, silenciou os povos ancestrais, tentando assassinar as culturas que não as suas. Na atualidade o silêncio está sendo rompido e novamente se fazem ouvir as vozes das culturas da humanidade em sentido amplo. O espírito ancestral permanece e é imortal. A vibração cultural de cada povo originário do Planeta Terra mante-se viva na memória do DNA de seus descendentes, sente necessidade e tem o direito de se fazer ouvir, de se libertar e se expressar como humanas que são e o estão fazendo para o bem da Humanidade enquanto espécie inteligente de vida neste planeta.

Com o processo de séculos de colonização, silenciamento cultural, opressão, parecemos estrangeiros incultos em nossa própria terra. Perdemos nossa identidade ancestral. Falta algo no psiquismo dos povos colonizados para que sigam em frente em seu desenvolvimento humano. Lhes foi negada sua verdadeira história e cultura.

Se faz necessário realizarmos uma higiene mental, espiritual para o resgate da história e da memória originária. Não há razão para ver televisão nem ouvir rádios abertas pois visam desfigurar e destruir a cultura ancestral. Há a necessidade de combater o imperialismo alimentar, rever o que temos consumido como alimento produtos

industrializados sem nutrição e contaminados por substâncias químicas tóxicas para a saúde tanto física como mental e psicológica.

Não pode haver princípios e valores se não há memória histórica e identidade cultural ancestral. O processo educacional formal e informal orientados de modo intencional, sistemático e organizado para recuperar como viviam nossos antepassados, com austeridade, soberania e bem estar, poderá contribuir para a mudança da mentalidade colonizada, contribuirá para a descolonização das mentes e corações dos povos e culturas que foram alvo desse processo desumano nos últimos 5 séculos.

Há que se reaprender a administrar os próprios recursos, não gastar o dinheiro que não se tem. Não usar e abusar de créditos ofertados por estrangeiros para acorrentar as nações. Evitar armadilhas de grandes projetos internacionais para o desenvolvimento das nações consideradas empobrecidas, com a ilusão de promoverem o desenvolvimento e bem estar.

Tal desenvolvimento não impactou positivamente na qualidade de vida para a população, mas na compra de sucatas tecnológicas com empréstimos que escravizam as nações, e não trazem qualidade de vida nem desenvolvimento educacional e científico, no sentido da busca de melhorias para os indicadores sociais de bem estar e qualidade de vida, desenvolvimento da consciência humana, respeito ao ambiente e a todos os seres que integram o planeta.

Os povos que foram alvo dos abusos dos invasores, como nos tempos imemoriais aprenderão a viver a austeridade que liberta. O poder está em não necessitar de nada. Sair desse tempo de loucura, engano que vivemos na atualidade de consumo compulsivo e cego, que escraviza e consome o tempo de vida, vida digna, vida em família, vida em contato com a Mãe Natureza.

Desde 1776 quando foi criado os EUA, a democracia do mercado que impera desde então o mundo é colonizado. Passa a ser sistematicamente oprimido política, econômica e culturalmente. Neste sentido entendemos que para descolonizar se faz necessário que o sistema educacional seja reformulado pois a principal função da educação é dignificar a condição humana. É preciso que a educação ajude a tirar a venda

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

dos olhos dos povos originários que mantiveram sua cultura a ferro e fogo e reconhecer seu valor e sua importância e contribuição para o bem da humanidade.

O futuro de um povo é seu passado. O reconhecimento pleno de nosso passado de nossa glória, em alimentação, saúde e bem estar é cultivar a autoestima para construir um presente e um futuro de glórias e realizações positivas pelo bem comum. Negros, indígenas e mestiços em geral são seres humanos como todos os demais e seus ancestrais realizaram grandes feitos pelo progresso da humanidade. Esse é o propósito de uma educação libertadora não da educação colonizadora que historicamente vem de minando a autoestima e os conhecimentos ancestrais dos povos originários não europeus.

Chamar os países colonizados de nação é uma arbitrariedade. Não há consciência histórica, nem no âmbito pessoal, nem familiar, nem comunitário. Os princípios e valores ancestrais determinam a cultura de um povo. O território onde os países colonizados foram criados possui povos ancestrais milenares unidos pela diversidade com os demais povos do atual em todos os continentes do planeta terra. Tais povos pelo trabalho de seus ancestrais têm direito ao respeito, ao seu lugar ao sol pois são filhos deste planeta como os demais seres que o habitam. Merecem bem estar, tempo livre, cultura, arte, qualidade de vida. Têm direito à memória e história de seus ancestrais antes do processo de colonização inventado para pilhar as riquezas dos territórios invadidos e escravizar os povos para que trabalhassem forçadamente em favor do bem estar e da opulência do mundo europeu que atualmente ostenta um padrão de vida colhido da espoliação da força de trabalho e das riquezas dos territórios invadidos por 530 anos. E na atualidade o processo é continuado pelas empresas multinacionais.

O que tem sido o planeta terra nos últimos 530 anos? Um negócio gerido por grupos invasores, saqueadores e devastadores sem compromisso com as raízes dos povos ancestrais originários dos quais foi e está sendo amputada a memória histórica e cultural e negado seus direitos de vida e bem estar no território originário ancestral. Foram historicamente escravizados, oprimidos, violentados. Suas vidas foram sequestradas para que trabalhassem em prol da riqueza e ostentação dos povos europeus. O que historicamente haverá de ser resolvido com pedidos de desculpas e a devida reparação material possível pois há danos irreparáveis como a destruição de povos inteiros,

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

genocídios, destruição de fauna, flora e minérios dos territórios invadidos e dominados pelo poder do capital internacional.

Evidências do avanço dos conhecimentos científicos e tecnológicos de povos originários de todos os continentes são demonstrados pela arqueologia continuamente. Em toda o continente Americano (Sul Central e Norte) há milhares de evidências arqueológicas de avançadas civilizações. Há muito o que esclarecer sobre as culturas humanas.

Um currículo justo, que assegure a verdade histórica de cada povo que integra a humanidade é fundamental para o processo de descolonização das mentes e corações da humanidade. Somos o que recordamos. Se não há passado, não há futuro. Os povos originários nos solos de todos os continentes invadidos viveram e vivem um rosário de injustiças e injúrias. Se faz necessário o resgate da memória do que de fato se passou. Descobrir a história e nos reconciliarmos com nosso banco genético para sermos melhores pessoas, mais felizes e realizados como seres humanos que somos.

O projeto de nação dos povos invadidos, por pressão de forças do mercado que ainda impera, não demonstra respeito pelos povos originários, pois há preconceitos de toda ordem raciais, de classe, de gênero, religioso e de região. A invasão dos territórios em todos os continentes pela chamada “civilização” ocidental não visa a integração com os povos primeiros, mas objetiva sua destruição, seu silêncio sua invisibilização. Implicando numa relação de dominação e subordinação.

O que se configura como violência de lesa humanidade. Não se busca a integração em prol de uma nova civilização no continente, mas a destruição da civilização ancestral para imposição da cosmovisão dos invasores europeus, com a negação da cultura dos povos originários. O modelo educativo oficial não visa a valorização da cultura ancestral mas a sua destruição. O processo educacional formal e informal arrancou as raízes culturais e históricas da memória dos habitantes originários e nascidos neste território, tornando-os sem identidade, urge que o processo educacional atue fortemente para restaurar a identidade, a história e memória dos povos originários devolvendo-lhes a auto estima positiva e o autoconceito como integrantes importantes da família humana.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

As crises fazem os ricos mais ricos e os empobrecidos mais empobrecidos. Diante de tamanha violência faltam palavras aos habitantes que em sua dor silenciam. Temos um povo invisível, calado, silenciado, mas temos um povo. O sistema educacional descolonizador tem o papel de restituir a história e a memória a que os povos originários têm direito como integrantes da família humana.

A humanidade é uma espécie que habita o Planeta Terra há milênios e com características de inteligência e desenvolvimento cultural peculiares. As civilizações mais avançadas historicamente localizam-se no continente africano (Egito) asiático (Índia, China, Japão) e americano (Incas, Maias, Astecas) sendo os europeus considerados Bárbaros até o advento da Grécia e de Roma influenciados pelo Egito (África). Como filhos da Terra que localiza-se no universo, os seres humanos são iguais em origem e dignidade aos demais seres que habitam o ambiente terreno. A invenção das diferenças culturais é uma criação do processo de invasão dos povos bárbaros que para saquear, escravizar, destruir e explorar os territórios e povos originários de todos os continentes construíram uma ideologia de hegemonia europeia que tentou subjugar inutilmente os outros povos da família humana.

A tradição original do Planeta Terra está no DNA dos seres Humanos e não há como apagá-la nem negá-la. O processo educacional descolonizador precisa ser fortalecido visando o desenvolvimento das potencialidades, capacidades e consciência humanas, não focado no dinheiro para a produção de patentes de objetos a serem comercializados e na indústria da guerra a serviço da morte e da destruição. Não. O processo educacional tem por finalidade o bem comum. O desenvolvimento das potencialidades humanas, a união das culturas, a valorização da dignidade e condição humana.

Os invasores dos territórios conhecidos atualmente como “América” e “África” nunca interagiram com os povos originários buscando semelhanças, mas buscando inferiorizá-los, escravizá-los, explorá-los, pilhar suas riquezas, devastar seus recursos naturais e destruir suas culturas e valores ancestrais. O que não logrou êxito pois na atualidade lideranças incas, guaranis, maias e astecas se levantam e revelam seus conhecimentos ancestrais inclusive a física quântica. Onde estão os povos primitivos que



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

poderiam servir como escravos na expressão de Colombo? São povos milenares como a Índia, a China e o Japão extremamente mais evoluídos que os europeus à época das invasões. São os fatos.

O que há desde então é o encobrimento da cultura e história ancestral. Criaram o racismo econômico. Disseram que os povos originários não tinham alma nem religião, passando a objeto para promover o enriquecimento dos povos invasores que passam a tratá-los como animais a serem explorados. E seu território ancestral não lhes pertencia pois não passavam de animais sem alma. Roubaram as riquezas em especial o ouro dos incas, maias e astecas e dos povos do Brasil e da África. Sugaram suas terras férteis com o cultivo de açúcar e produtos para abastecer o mercado europeu. Uma devastação geral.

Todavia, as evidências arqueológicas demonstram que os povos ancestrais originários são unidos por uma única matriz cultural de respeito à vida em comunidade e à natureza. Viviam e vivem de forma modesta sem destruir o ambiente, preservando-o para as atuais e futuras gerações.

É preciso que o sistema educacional ensine a pensar sob um ponto de vista descolonizado. Em todos os continentes a cozinha ancestral está preservada. Na comunidade ancestral originária há integração de seres humanos e plantas que lhes fornece alimentação e energia. Que os alimentos ancestrais voltem a ser cultivados e comercializados, que seja superado o imperialismo alimentar que tenta impor ao mundo produtos industrializados e domesticados, sementes transgênicas, alimentos produzidos com fertilizantes químicos de consequências desconhecidas para a saúde humana e dos animais.

Ao longo dos últimos 530 anos, a mente dos povos colonizados se fundiu com a mente dos colonizadores e nos colonizamos a nós mesmos e aos outros. Se faz necessário que o processo educacional formal e informal trabalhe para superação da mente e do coração colonizado.

Na atualidade os incentivos para o trabalho científico apresentam como condição patentes para o comércio ou insumos para a guerra. A humanidade precisa de uma ciência



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

que favoreça o desenvolvimento da consciência e o bem estar humano e dos demais seres que integram o ambiente do Planeta Terra e do Universo.

A demonstração da evidência arqueológica de que a “idade média” ou idade das trevas ocorreu principalmente no território europeu é a existência das construções públicas realizadas por engenheiros e arquitetos integrantes dos impérios Asteca, Maia e Inca no atual continente Americano, inclusive obras de irrigação, estrutura para cultivo de alimentos em larga escala com alta produtividade exemplares. Outros cenários não incluídos na história europeia provavelmente não conheceram idade das trevas, ou idade média. Viveram seu apogeu de desenvolvimento e bem estar social que foi interrompido pela invasão dos bárbaros “civilizados” europeus.

Essa civilização embora diversa, que tinha e tem em comum o respeito à natureza com a qual estabelece uma relação de integração e respeito possui conhecimentos científicos sobre as formas de vida e uso sustentável dos recursos, práticas agrícolas e medicinais invejadas pela ciência acadêmica. Uma demonstração do avanço científico desses povos originários da América é a Pedra do Sol, também conhecida como calendário asteca que reúne conhecimentos sobre o Planeta Terra (calendários lunar, solar e das galáxias) extremamente precisos e anteriores à idade média europeia (fig. 1).



Figura 1. Pedra do sol, civilização Asteca.

Os povos não europeus viviam tempos mais avançados e que os povos europeus, em termos científicos e de organização social com mais igualdade e bem estar e democracia. Onde o acesso à terra e ao trabalho eram universais e o foco das lideranças sociais era o desenvolvimento da consciência humana e o bem estar em comunidade. Não

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

havia fome e a população do Alasca à Terra do Sol foi estimada em 70 milhões de habitantes quando do início da invasão nos idos de 1492 por Cristóvão Colombo. Existem mais pirâmides no México que no Egito. A história desses povos originários esteve todos esses séculos sendo vergonhosamente encoberta de seus descendentes e de toda a humanidade. Todavia as vozes dos seus descendentes estão se fazendo ouvir e demonstrando por evidências científicas que são seres humanos e extremamente avançados e “civilizados”, tomando em consideração os indicadores de “civilidade” dos colonizadores que em 525 anos praticaram o genocídio de 95% dos habitantes originários do continente americano que na atualidade está em torno de 3,5 milhões de pessoas (GALEANO, 2013).

Diante do cenário devastador da autoestima dos descendentes dos povos originários como demonstram as evidências estatísticas desta pesquisa, constatamos que em prol do bem da humanidade, há o desafio educacional de descolonizar a mente e restaurar a história dos povos originários. História e cultura que foram vergonhosamente ocultadas nos últimos séculos do milênio negando a verdade histórica a seus descendentes, atualmente intentes da população dos continentes invadidos e colonizados por europeus. Entendemos que a humanidade tem o direito de conviver em harmonia com as culturas que a constituem sem hierarquias e distinções que desfavoreçam entre si.

O sistema educacional em seu currículo e finalidades tem como responsabilidade desenvolver a consciência de que o ser humano e a natureza precisam buscar o equilíbrio entre os aspectos materiais, espirituais que nos caracterizam enquanto elementos que constituem a natureza do Universo e do Planeta Terra.

A humanidade merece como todos os seres que integram o planeta viver em harmonia como o ambiente natural, fortalecendo o equilíbrio energético, espiritual e material. O ser humano tem direito ao bem estar pessoal, familiar e comunitário, direito a dançar, repousar, existir, sonhar, se desenvolver e evoluir em sua consciência humana. O ser humano tem direito a ter tempo para si. Ter uma forma de vida que o faça íntegro, unido, comunitário. O sistema de exploração física, intelectual e psicológica em implantação no mundo pelo advento e invasão das novas tecnologias de informação e comunicação, está impondo uma velocidade desumana no processo de produção que

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

desumaniza a humanidade. O sistema educacional está contribuindo para esse efeito. E entendemos que não é sua função servir ao mercado e à guerra, mas promover o desenvolvimento das capacidades, potencialidade e consciência humana em prol do seu bem estar e realização pessoal, familiar e comunitária.

E educação tem a responsabilidade de resgatar e valorizar a sabedoria perene da humanidade que é a forma de vida dos povos originários ancestrais. Desenvolver nessa existência a consciência humana é em nossa ótica, a missão do sistema educacional.

### RESULTADO E DISCUSSÃO

Passamos em seguida a apresentar os resultados de uma pesquisa de campo apoiada pelo CNPq/FAPEAM onde obtivemos evidências estatísticas desfavoráveis aos que se identificaram como não brancos: negros, indígenas e mestiços no que se refere a fenômenos psicológicos associados ao bem estar e auto confiança e realização humana.

A pesquisa contou com uma amostra (n=1716) representativa e aleatória de habitantes do Amazonas do sexo masculino e do sexo feminino, moradores dos municípios de Manaus, Humaitá, Lábrea, Benjamin Constant, Manicoré e Tabatinga, com idades entre 18 e 84 anos. A participação foi voluntária e anônima.

Os dados foram obtidos com a aplicação de instrumentos próprios, respondidos individualmente, após informação sobre os objetivos da pesquisa, observando procedimentos éticos vigentes. Após a coleta dos dados os mesmos receberam tratamento estatístico de acordo com os objetivos da pesquisa.

**Tabela 1. Correlações ponto-bisseriesiais entre as escalas - Felicidade (3 dimensões/fatores - F), Otimismo, Esperança, Resiliência e SWLS - e as quatro etnias**

Escalas (E)	$r_{pb}$	Branca	Negra	Indígena	Parda/ Morena
<b>Escala Felicidade</b>					
E.F. Auto-aceitação/Autonomia	$r_{pb}$	.102**	.027	-.191**	.005
	<i>P</i>	.001	.351	.001	.858
E.F. Relações positivas com outros	$r_{pb}$	.041	.006	.055	-.028
	<i>P</i>	.149	.829	.225	.335
E.F. Projeto de vida/Crescimento	$r_{pb}$	.111**	.014	-.259**	.086**
	<i>P</i>	.001	.631	.001	.003
E. Felicidade Total	$r_{pb}$	.103**	.015	-.190**	.015
	<i>P</i>	.001	.611	.001	.604
E. Otimismo	$r_{pb}$	.043	.001	-.048	-.009
	<i>P</i>	.133	.961	.092	.747
E. Esperança	$r_{pb}$	.106**	.020	-.311**	.096**
	<i>P</i>	.001	.480	.001	.001
E. Resiliência	$r_{pb}$	.130**	.105**	-.495**	.137**
	<i>P</i>	.001	.001	.001	.001
E. SWLS	$r_{pb}$	.122**	.049	-.237**	.002
	<i>P</i>	.001	.088	.001	.936

Nota: \*  $p < .05$  \*\*  $p < .01$

Fonte: Base de dados LAPESAM/UFAM/CNPq, 2016.

A pesquisa procurou comprovar as hipóteses de que o acesso a oportunidades educacionais de qualidade exerce impacto positivo sobre as condições de desenvolvimento pessoal, necessárias para o exercício da cidadania, inclusão socioeconômica e bem-estar psicossocial.

Como observado nesta Tabela 1, constatamos diferenças entre os sentimentos em análise em função da identidade étnica. A saber:

**Auto aceitação/autonomia** - para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .102^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os negros  $r_{pb} .027$ ,  $p = 0.351$ ; para os indígenas  $r_{pb} -.191^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .005$ ,  $p = 0.858$ ;

**Relações positivas com outros** - para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .041$ ,  $p = 0.149$ ; para os negros  $r_{pb} .006$ ,  $p = 0.829$ ; para os indígenas  $r_{pb} .055$ ,  $p = 0.225$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .025$ ,  $p = 0.335$ ;

**Projeto de vida/crescimento** - para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .111^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os negros  $r_{pb} .014$ ,  $p = 0.631$ ; para os indígenas  $r_{pb} -.259^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .086$ ,  $p = 0.003$  e

**Felicidade total** - para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .103$ ,  $p = 0.001$ ; para os negros  $r_{pb} .015$ ,  $p = 0.611$ ; para os indígenas  $r_{pb} .190^{*}$ ,  $p = 0.001$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .015$ ,  $p = 0.604$ .

Foram constatados os seguintes indicadores com relação aos fenômenos psicológicos:

**Otimismo** - para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .043$ ,  $p = 0.133$ ; para os negros  $r_{pb} .001$ ,  $p = 0.961$ ; para os indígenas  $r_{pb} -.048$ ,  $p = 0.082$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .009$ ,  $p = 0.747$ ;

**Esperança** - para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .106^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os negros  $r_{pb} .020$ ,  $p = 0.480$ ; para os indígenas  $r_{pb} .311$ ,  $p = 0.001$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .096$ ,  $p = 0.001$ ;

**Resiliência**: para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .130^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os negros  $r_{pb} .105^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os indígenas  $r_{pb} -.495^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .137$ ,  $p = 0.001$  e

**Satisfação com a vida** - para os participantes com identidade racial branca  $r_{pb} .122^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os negros  $r_{pb} .049$ ,  $p = 0.088$ ; para os indígenas  $r_{pb} -.237^{**}$ ,  $p = 0.001$ ; para os morenos/pardos  $r_{pb} .002$ ,  $p = 0.936$ .

Os novos conhecimentos e informações psicométricas aportadas demonstram indicadores mais potentes pelos participantes que se identificam como brancos. Por outro lado, as evidências dos indicadores mais negativos foram demonstradas com os participantes que se identificaram como indígenas. Entendemos que o resultado pode ser explicado pelo processo histórico de opressão e negação de direitos que este grupo social do Brasil tem enfrentado desde o início da ocupação por grupos de outros continentes oficialmente após o ano de 1492 com a chegada de Cristóvão Colombo ao “Novo Mundo”. No cenário amazônico desde o tempo da exploração por espanhóis e posteriormente por portugueses bem como outros povos do continente europeu, as populações amazônicas enfrentam a negação de sua cultura, história, valores e estilo de vida, o que pode estar impactando sobre o estado emocional desse grupo social que integra a nação brasileira: os indígenas.

As evidências revelam indicadores de sentimentos e emoções por parte dos grupos étnicos menos favorecidos com oportunidades de acesso à escolarização e inclusão socioeconômica (negros, indígenas e pardos/morenos) desfavoráveis em comparação com os indicadores de grupos étnicos mais valorizados historicamente e em termos de acesso aos bens sociais como o dos que se identificam como brancos.

Estes resultados apontam que estar inserido em um ambiente social e cultural com estrutura logística para acesso e permanência à escola de qualidade tanto no âmbito da educação descolonizadora nas esferas do ensino básico, superior e profissional favorece a construção e o desenvolvimento de personalidades psicologicamente positivas, motivadas para a realização de propósitos pessoais e sociais que elevem os indicadores de bem-estar e qualidade de vida.

De acordo com as evidências estatísticas aportadas, podemos afirmar que as oportunidades históricas para o desenvolvimento das potencialidades e capacidades dos habitantes do Amazonas identificados etnicamente como brancos, negros, indígenas e pardos/morenos que poderia ter se efetivado pela oferta de escolas de qualidade para todos, afetou sua percepção pessoal, emoções, autoconceito e autoestima. O que impacta sobre os sentimentos que caracterizam os fenômenos psicológicos pesquisados: esperança, otimismo, resiliência, felicidade e satisfação com a vida.

## CONCLUSÃO

A pesquisa demonstrou o impacto do sistema educacional colonizado sobre o bem estar psicossocial dos descendentes de negros, indígenas e mestiços que participaram da pesquisa. Evidências documentais demonstram que o sistema educacional atual nas nações resultantes dos séculos de colonização, utiliza a dialética da negação da cultura, amputação da identidade histórica e cultural dos habitantes do território invadido e ocupado por europeus empobrecidos, que em alguma medida, ainda preservam suas culturas originárias e identidade histórico cultural e procuram se impor como superiores no território, agora comum.

O processo educacional tem como objetivo desenvolver o ser humano. Mas o que é um ser humano? Entendemos que é o ser que vive humanamente em harmonia com seu ambiente físico, mental e espiritual. Um ser que sente amor, respeito e consideração por todos e tudo que integra o planeta. Então a função do sistema educacional será favorecer essa realização humana.

Que sistema educacional e que profissional poderá encaminhar o necessário processo de descolonização das mentes e corações? Pois o intelectual colonizado faz sua a cultura do opressor; uma vez que o colonizador penetra no colonizado e o subjuga. O colonizador domina o colonizado não penetrando apenas entre seus aliados e prepostos, penetra também nas massas, destruindo as bases da sua cultura originária ancestral, enfraquecendo suas tradições e seus modos de vida, substituindo seus alimentos tradicionais por novos industrializados e importados, propagando o mito da sua superioridade cultural, busca legitimar a dominação, opressão, extorsão, saque de riquezas dos territórios ocupados. Nega, silencia, ignora as qualidades, capacidades e potencialidades da população local. O colonizador desumaniza o colonizado, mutila-o psicologicamente, fazendo-o aceitar como naturais as condições de exploração e opressão e infelicidade e desesperança do ambiente onde vive (GADOTTI, 2012).

Considerando o sistema educacional imposto aos povos do mundo que sofreu o efeito da colonização, descolonizar-se nesse sistema é um acidente. As pessoas que passam por esse sistema estão individualizadas, embrutecidas, desumanizadas,



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

desesperadas. O conhecimento tem como meta libertar não escravizar. O sistema educacional colonizador não é libertador. É racista. A discriminação racial está na origem de qualquer expansão do sistema capitalista fora das fronteiras europeias. E por outro lado, a ascensão a um novo estatuto social, por via da educação ou do acúmulo de capital, em nada iria alterar a sua condição de índio ou negro ou mestiço no quadro do regime e da sociedade coloniais. O desafio a ser enfrentado pelo sistema educacional é apresentar a verdade histórica, evocar as memórias ancestrais e as ricas culturas dos povos originários, elevando sua autoestima, otimismo, esperança e confiança em seu potencial de realização humana.

A instalação das Empresas Nações em detrimento dos povos originários em suas organizações ancestrais em todo o mundo foi uma violência historicamente ainda não superada. Tanto para os povos originários dos territórios invadidos, como para os que nasceram e nascem onde lhes é negada a verdade histórica, a valorização da cultura os direitos inerentes à condição de humanidade.

Entendemos que uma educação genuinamente descolonizadora favorecerá o fortalecimento da identidade, soberania popular e bem estar psicossocial na Amazônia brasileira. Região que historicamente muito contribuiu e contribui para o bem estar da humanidade com sua existência e riquezas naturais e culturais de proporções AMAZônicas.

## REFERÊNCIAS

- ABADIA, D. M. **Descolonizar as mentes e os corações: Amílcar Cabral e a ruptura com a razão colonial, Disponível em:** [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501687884\\_ARQUIVO\\_texto\\_a,](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501687884_ARQUIVO_texto_a,) *XXIX Seminário Nacional de História, 2017.*
- ASCENSO. J.G. da S. **Uma contribuição à história do conceito de raça no México: José Vasconcelos e a “raça cósmica”**, In XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. PDF, p. 1-12. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364696404\\_ARQUIVO\\_JoaoGabri](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364696404_ARQUIVO_JoaoGabri) – Acesso em 10/1/2018.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 169-186.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

FREIRE, Paulo. “Educação: Sonho Possível”. Artigo presente no livro *O Educador: Vida e Morte*, Org: Carlos R. Brandão. Ed. Graal, 11ª edição, 1984.

—————. *Cartas a Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

—————. *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: Unesp, 2004.

FIGURA 1. S.N. A Pedra de Sol. "Calendário asteca" "Cuauhxicalli", "Receptáculo da Águia". Disponível em: <http://setasparaoinfinito.blogspot.com/2011/10/pedra-do-sol.html#ixzz5Zg2FLiVt>

<http://setasparaoinfinito.blogspot.com/2011/10/pedra-do-sol.html> – acesso: 10/10/2018.

GADOTTI, Moacir. “Paulo Freire na África: encontro da pedagogia freiriana com a práxis política de Amílcar Cabral”. Artigo presente no livro *Paulo Freire e Amílcar Cabral – A Descolonização das Mentes*, de Romão e Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*, Porto Alegre, L.&PM, 2013.

MASCARENHAS, S. A. DO. N.; ROAZZI, A.; FARIÑAS-LEÓN, G. Impacto da Educação escolar no desenvolvimento social, cidadania e Qualidade de vida: estudo em diferentes etnias na Amazônia, Capítulo 3. Pág. 42-54. In: MASCARENHAS, S.A. do N. **Desafios para o exercício da cidadania, qualidade de vida e inclusão Socioeconômica na Amazônia- Pesquisa em educação, psicologia, sociedade, cultura e ambiente**. São Paulo, Loyola, 2017.

PAIVA, V.. “Do problema nacional às classes sociais: considerações sobre a pedagogia do oprimido e a educação do colonizador. *Educação e Sociedade*, Campinas, ano I, n. 3, p. 5-14, maio de 1979.

ROMÃO, J. E.. “Paulo Freire e Amílcar Cabral – Razões Revolucionárias e a descolonização das mentes”. Artigo presente no livro *Paulo Freire e Amílcar Cabral – A Descolonização das Mentes*, de Romão e Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948.

**Agradecimentos:** Agradecemos o apoio financeiro do CNPq e da FAPEAM ao projeto, aos integrantes da equipe e participantes.

**Recebido: 10/9/2018. Aceito: 10/11/2018.**

#### **Sobre a autora e contato:**

Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas – Professora UFAM, atuando na graduação e pós-graduação.

**E-mail:** [suelyanm@ufam.edu.br](mailto:suelyanm@ufam.edu.br)